

PRELÚDIO

A casa acorda e espreguiça-se num bocejo lento, embrulhada no cobertor macio das nuvens que cobrem a manhã.

O deus dos caminhos, o de infinitos braços e pés descalços, dorme ainda no parque, em frente das janelas. Não se adivinha a sua presença, porque se esconde atrás dos tufos de plantas, sob as folhas caídas e debaixo dos restos do piquenique que uma família mais afoita fez no último domingo soalheiro mas frio daquele mês de abril. Descansa derramado por toda a superfície pois, embora invisível aos olhos humanos, toda a noite trabalhou. Percorreu a terra desenhando rotas e rumos, veredas e estradas que os homens palmilham no movimento perene de busca de um ponto que seja o centro do infinito.

Mas no lugar em que estamos, um ponto entre pontos, o deus dos caminhos guarda o parque, e o parque protege a casa com a sombra das árvores que entra pelas janelas.

A sala tem uma tonalidade baça e esverdeada e tudo nela está imóvel. Parece a fotografia de um álbum de recordações — o piano sob o espelho retangular de moldura dourada, rematada por um laço metálico bordado de flores, o aparador de tampo de mármore, a mesa comprida, as cadeiras em cerejeira, os cachepôs de porcelana fina, com desenhos em relevo, as folhas pequenas e rendadas das avencas, as lanceoladas das begônias e o tule do espargo. Um misto de decadência e de saudade.

INTERLÚDIO

CAPÍTULO I

Los Angeles, novembro, 2019

1. Emílio entra com pezinhos de lã. Espreita pela janela e adivinha o deus dos caminhos tão silencioso e imóvel como a manhã e a sala.

Agarra na cassete, poisada sobre o aparador, na expectativa de que as nuvens e o verde escureçam e a noite manche o dia para o tornar numa interminável fila de minutos solitários e serenos.

Introduz a cassete no gravador. Estica-se no sofá. O ecrã da televisão ilumina-se. Os seus olhos colam-se a esse retângulo resplandecente que, num instante, engole a sala, o parque, o deus dos caminhos e os sons impercetíveis da manhã. Neste âmnio macio e protetor, contempla secretamente o seu sonho. O fio de luz que o liga ao ecrã

molda o espaço e o tempo e transporta-o para Los Angeles, no mês de novembro do ano de 2019.

Na realidade, o ano de 2019 ainda é futuro, mas nesta sala é presente. Na realidade, Los Angeles é uma conurbação imensa de pequenas cidades, mas nesta sala ela é o próprio mundo e nela habitam todos os homens. Explosões de fogo, chuva incessante, gente, muita gente, sons metálicos e pungentes, uma atmosfera noturna, onírica e ameaçadora, campânula que asfixia as longas avenidas, onde feixes de luz devassam a intimidade da sombra e, nos enormes e ultramodernos arranha-céus, gigantescos outdoors luminosos repetem mensagens encantatórias. Nesta cidade-mundo de onde a natureza foi banida, os animais são cópias dos que se foram extinguindo, e os homens confundem-se com os espantosos andróides, os Nexus 6, criados pela mastaba gigantesca e dourada — a Tyrell Corporation — para os ajudarem a povoar as colônias exteriores ao planeta Terra.

Estes robôs emulam o seu criador. Por isso, lhes chamam Replicantes. Têm uma esperança de vida de apenas quatro anos. Não podem sonhar o futuro. Em cada minuto da sua breve existência, vivem a angústia de saber que estão condenados à morte.

¹ *“Viver com medo é uma outra experiência, não é? É assim que vive um escravo.”*

Rick Deckard é um caçador de Nexus 6, um Blade Runner. A sua missão é destruir os quatro Replicantes que, depois de se revoltarem numa das colônias exteriores, regressaram à Terra em busca do seu criador para conseguirem mais tempo de vida.

¹ Do filme *Blade Runner*, de Ridley Scott. “Painful to live in fear, isn’t it. But that’s how it is to be a slave.”

Emílio admira os Replicantes, mas também admira Deckard porque sabe que ele vai compreender a humana fragilidade dessas criaturas sujeitas aos desejos de um pai tirânico.

² “Temos muito em comum. (...) os mesmos problemas. Decrepitude acelerada. Mas não queremos morrer ainda.”

Mas Emílio admira acima de tudo as imagens que vê no ecrã, de contornos ora nítidos ora indefinidos, de tonalidades escuras e douradas, numa mistura de brilhos e de sombras, que fabricam um ambiente semelhante a uma pintura, um ambiente onde alguém se pode perder.



A voz do pai, desabrida e hostil, estilhaça a imagem.

“Lá estás tu a papar imagens!”

Minúsculas e invisíveis partículas esvoaçam e depositam-se gradualmente sobre o ecrã. Num impulso, Emílio desliga a televisão. A sala desenha-se de novo nítida em cores parecidas com as do mundo donde foi subitamente escorraçado. Um arrepio percorre o seu corpo frágil.

Um cheiro a peixe flutua no ar. Os olhos de Emílio colam-se ao saco de plástico que o pai segura na mão.

³ “— Peixe? — Creio que manufaturado. Olhe. Da melhor qualidade. Manufatura de qualidade superior. Tem o número de série

² Do filme *Blade Runner*, de Ridley Scott. “We have a lot in common (...) we have similar problems. Accelerated decrepitude. But we don’t want to die quite yet”.

³ Do filme *Blade Runner*, de Ridley Scott. “– Fish? – I think it was manufactured. Look. Finest quality. Superior workmanship. There is a maker’s serial number 9906947-XB71. – Interesting. Not fish. Snake scale.”

do fabricante. 9906947-XB71. — Interessante. Não é peixe. Escama de cobra.”

A voz do pai penetra teimosamente no seu mundo de fantasia, rasga a tranquilidade da manhã e abafa o cheiro a peixe.

“Nem me ouviste a entrar, não foi? Em vez de saíres com os teus colegas, de apanhares ar nas trombas, estás aqui metido às escuras!”

A mão bruta carrega num botão e retira a cassete.

“*Blade Runner*? Mas que raio de filme é este? E logo com um nome em inglês. Não podia ser melhor. E tu que nem as legendas consegues ler. Mas afinal onde está a tua mãe?”



A mãe dorme. É sábado e nesse dia dorme até mais tarde. Descansa das solicitações dos filhos, dos caprichos do marido, das pequenas intrigas dos colegas, da sabedoria e da atenção essenciais no gabinete onde atende os pacientes, das leituras, análises, sínteses, sinopses que tem de preparar para os congressos. Descansa da vida, porque, como ela diz, a vida nos exige todos os dias um corpo novo e uma alma nova.

O pai que, na sua frente, brande a cassete como um coup de poing, desistiu de ser companheiro dos filhos, e justifica esta atitude com um discurso que repete tal como se repetem os textos sagrados — amiúde e com solenidade. Nesse discurso o abandono é a ideia central, porque, segundo eles, os homens, aqueles que o são realmente, os autênticos, aprenderam sozinhos e dessa ausência do outro nasceu a sua autonomia. Os que não conseguiram sobreviver eram os fracos e, como a história demonstra desde o início dos tempos, não há lugar para os fracos neste mundo. Ao ouvi-lo Emílio reconhece nele o rigor infalível dos autómatos.

⁴ “O nosso lema é: *mais humano do que o humano.*”

Na miscelânea de frases desse discurso emaranhado, o pai aproveitava uma vez mais a oportunidade para se descrever a si próprio como portador de um talento natural para o êxito. Foi um jovem valente nas brigas, acumulando um número infindável de amigos que o admiravam pela sua coragem, pelas suas iniciativas, pelos seus projetos, pela sua inteligência. Aos quatro anos já sabia ler. Aprendeu sozinho.

“Lia o jornal que o meu pai comprava. E desde esse tempo leio o jornal todos os dias.” E o remate desta arenga é sempre o mesmo: “Aprenderás a ser autónomo como eu sempre fui e como é o teu irmão. Ele sim, é parecido comigo!”

Realmente, Emílio não lê o jornal, a não ser que o obriguem, não se interessa pelas notícias, nem sequer pela secção do futebol e esta indiferença não encaixa no estereótipo de macho que a infância do pai, vivida num meio pobre e intolerante, imprimiu na cartilha de modelos que o leva a catalogar as pessoas como se elas fossem réplicas dos habitantes da fimbria do mundo que conheceu e a etiquetar as situações com a certeza inabalável de quem não questiona o inquestionável.

Através das quase invisíveis mas persistentes partículas luminosas das imagens do filme, que ainda pairam no ar e que se vão desagregando em moléculas cada vez mais largas e menos límpidas, ouve a voz paterna repetir o seu perpétuo discurso didático. Gradualmente, o pai vai assumindo os contornos inalteráveis de alguém que existe apenas nas palavras, como um autómato programado para se repetir incessantemente.

O mundo torna-se, então, um filme mudo. Emílio observa os gestos e as expressões como se observasse um ator que se exprime ape-

⁴ Do filme *Blade Runner*, de Ridley Scott. “More human than human is our motto”.

nas através da mímica. Também ele gostava de falar para defender o seu ponto de vista. É que na tal autonomia que o pai tanto apregoa devia caber aquele espaço clandestino das manhãs de sábado, em que admira imagens que o surpreendem, imagens semelhantes às que ele um dia gostaria de criar.

Mas o medo impede-o de falar e tem de ouvir a frase, tão na moda, do funil que despeja palavras, ideias, ou seja lá o que for, na cabeça de um sujeito passivo.

“Sempre agarrado à televisão! Uma atitude indolente com efeitos desastrosos para o teu futuro. Na cabeça tens um funil. É só despejar. Para quê pensar? És um inútil.”

O pai como tantos outros reage assim à importância crescente da imagem num mundo onde a palavra reinou.

Sob os passos pesados que se afastam em direção ao quarto, Emílio reforça a intuição de ter nascido sem ser desejado, aquele mal-estar de alguém que se sente a mais no espaço limitado da família e ainda noutra, aparentemente mais vasto, o mundo.

Da sala, ouve ao fundo as frases ásperas de mais uma disputa. O pai reclama porque a mãe ainda está deitada.

“O almoço já devia estar pronto, Júlia” grita ele, talvez para despertar nela um sentimento de culpa, artifício de que usa e abusa nas conversas com a família.

“Artur, quando quiseres o almoço pronto a esta hora, podes vir fazê-lo. A cozinha é tua.”

“Minha?! Eu estive a trabalhar! Não estive a dormir. Não tenho a vida folgada que alguns têm.”

“Lá estás tu a repetir-te. Queres convencer-me, ou queres convencer-te a ti próprio de que trabalhas muito e de que ninguém mais trabalha tanto como tu? Vou tomar banho e depois falamos do almoço.”

Dói ouvir estas disputas cada vez mais frequentes. Quebra-lhe

toda a serenidade interior, destrói a manhã, despedaça as imagens que armazenou dentro de si.

Queda-se murcho e pensativo, órfão de pai, aquele ser distante que vive um sucesso permanente e monótono. Mas também sente pena dele, pois adivinha a fraqueza, a inabilidade e uma certa mesquinhez sob aquela fartura de êxitos fabulosos parecidos com os do seu sonho de fazer cinema, que vai incubando nas manhãs furtivas de sábado. Como gostaria de proteger o pai. Como gostaria de lhe explicar que, naquela casa, não estão em Los Angeles, nem no ano de 2019. Naquela casa, formam uma família, a concha protetora onde ele e o irmão se abrigam, lugar frágil que uma brisa pode desagregar tal como os esporos da flor seca do dente-de-leão que tanto gosta de soprar e de ver partir sem destino, nas tardes quentes de verão.

Será também a sua família uma flor seca?



Da cozinha chega o som das gavetas e das portas dos armários que o pai abre com violência, das panelas, dos tachos, dos talheres arremessados para cima da bancada. Emílio espreita assustado. Cascas no chão, vísceras de peixe nos mosaicos, utensílios que se empilham no lava-loiças. Ora a mãe não vai gostar daquilo. Está declarada guerra.

Ela chega perfumada e leve.

“Anda ajudar, Emílio. Não fiques a espreitar à porta.”

O rapaz aproxima-se, como se lhe quisesse dizer para ter calma.

Ao entrar na cozinha o olhar da mãe enche-se de reprovação.

“Não cozinho neste chiqueiro.”

Indiferente ao comentário, o pai continua a espalhar resíduos por todo o lado. Pisa o chão sujo de restos e de nódoas. Ela limpa com tranquila indiferença, enquanto ele clama com a voz carregada de